

Ivan Antonio de Almeida

Mircea Eliade e nós:

Leitores, estudiosos e pesquisadores das CIÊNCIAS HUMANAS

Texto originalmente apresentado para debate na reunião do *Fórum Experiências Religiosas: Estudos Interdisciplinares*, promovido pelo Núcleo de Estudos da Religião (NER) da Universidade Federal de Ouro Preto, no dia 05 de julho de 2007.

Nunca poderei esquecer o choque que recebi no dia em que li o “Tratado de história das religiões”. Para mim foi todo um saber prévio que vacilou (...)

Paul Ricoeur

O sucesso de uma concepção de história está relacionada mais com os interesses do momento do que com o seu rigor metodológico ou “importância científica”. Isto explica a quase ausência de Mircea Eliade nos cursos de ciências humanas a as limitações de sua obra no mercado editorial. Para ilustrar, podemos citar uma delas, de especial importância para a nossa área e para a época em que vivemos. *A História das Crenças e das Idéias Religiosas* foi traduzida e publicada no Brasil pela Zahar, logo depois do seu lançamento na França, entre 1978 e 1984. São quatro tomos, num total de seis volumes. O trabalho está esgotado há anos e não há sinais de reedição. É uma rica e audaciosa história das religiões, que começa com a “Idade da Pedra” e vai até as “teologias ateístas contemporâneas”. É uma síntese da erudição do autor, escrita numa linguagem coloquial, com indicações bibliográficas comentadas ao final de cada item. Para o leitor que desejar aprofundar-se em algum tema, basta consultar a bibliografia indicada e atualizá-la. Além das inúmeras notas, sempre estimulantes, um índice analítico e onomástico, ao final de cada tomo, facilita a consulta. Ou seja, a obra tem tudo para ser um manual de consulta e referência obrigatória na área das ciências humanas. Mas não é. Um ou outro livro de Mircea Eliade acaba por ser *uma das* indicações bibliográficas de áreas mais específicas das ciências humanas, tais como alguns temas de antropologia ou história das religiões.¹ Considerando-se que a humanidade teve, até por volta do século XIX, como parâmetro cultural, a referência religiosa, capacitar o estudioso das ciências humanas para a compreensão do universo do sagrado é uma necessidade profissional.²

Para compreender essa ausência, é preciso recordar um pouco da vida de Mircea Eliade e os principais parâmetros da sua concepção de história que, por mais convincente, simples, objetiva e clara, não se adequa à cultura hegemônica do universo acadêmico. A história de Mircea Eliade não é a história de um acadêmico. Pelo contrário. É apenas em 1956, com a idade de 49 anos que passa a ter um vínculo permanente com a Uni-

1 Já nos anos 1960, Eliade observava a tendência do historiador das religiões “tornar-se um especialista em *uma* religião ou até num período particular ou num aspecto singular dessa religião” (ELIADE, 1989, p. 15).

2 Além do que, “*puesto que las ciencias del hombre son interdependientes, cada descubrimiento de importancia repercute en las disciplinas afines*”, como considera o autor em suas *Observaciones metodológicas sobre el estudio del simbolismo religioso*. In: ELIADE & KITAGAWA, 1996, p. 118.

versidade de Chicago, depois de ter produzido uma vasta obra e convivido com pessoas marcantes como Brancusi, Eugene Yonesco (seus conterrâneos), Carl Gustav Jung, Gershom Sholem, Van der Leew, Henri Corbin e Jean Daniélou, apenas para citar os mais conhecidos. A história e formação de Eliade, que nasceu em Bucareste, na Romênia, em 1907, e faleceu em Chicago, em 1986, lembra mais os intelectuais da Renascença do que os nossos contemporâneos.

Já aos 14 anos, publica seu primeiro artigo, com o significativo título, “Como descobri a pedra filosofal”. Entre os 17 e os 18 escreve o primeiro texto literário: “Novela de um jovem míope”. Aos 20 anos, idade em que, nos dias de hoje, estamos apenas começando nossa vida universitária, Eliade viaja para a Índia, depois de ter conseguido uma bolsa de estudos junto ao Marajá de Kassimbazar. Lá estuda sânscrito e pratica *yoga*, experiência que, mais tarde, será o tema da sua tese de doutorado (*cf.* ELIADE, 1991). Aos 24 anos volta para Bucareste. Até então já tinha escrito uma novela e diversos artigos. Aos 26 anos, doutora-se em filosofia e é premiado pela novela “Maitreia”. Aos 28, casa-se e parte em viagem de estudos para Berlim. Em 1940, com 34 anos, é nomeado adido cultural em Londres; em 1941, adido cultural em Portugal, sempre escrevendo e publicando artigos e livros. Entre 1946 e 1949, mora em Paris, em situação bastante precária. Sobrevive oferecendo cursos livres. Em 1950, participa da Primeira Conferência Eranos, em Ascona (Suíça), onde conhece Jung, Scholem, e Van der Leew. Essas conferências anuais são muito pouco conhecidas apesar de sua importância. A cada ano, os convidados discutiam um tema tal como: O Homem e a Máscara, A Grande Deusa, A Meditação no Oriente e Ocidente, O tempo, A Yoga, os Ritos, etc. Entre 1951 e 1955 recebe uma bolsa de 200 dólares mensais da Fundação Bollingen de Nova Iorque e publica várias de suas principais obras, tais como O Xamanismo, Imagens e Símbolos, A Yoga e Ferreiros e Alquimistas. Em 1956, passa a trabalhar na Universidade de Chicago, como convidado e em 1957 passa a professor titular da instituição. A partir daí, continuará vinculado à Universidade, produzindo artigos, livros, dando cursos e palestras, nos EUA, na Europa e América Latina, até seu falecimento, em 1986.

Na América Latina visita o México em 1965 e a Argentina em 1969, onde dá conferências e recebe o título de *doctor honoris causa* pela Universidade de la Plata, o que mostra que é conhecido naquele país. Nunca virá ao Brasil.

Em relação ao método, Mircea Eliade nos dá indicações simples e precisas. Para ele, toda religião tem um “centro”, ou seja, “uma concepção central que anima toda coleção de mitos, rituais e crenças” (ELIADE, 1989, p. 24). Cabe, portanto, ao historiador das religiões, ou mesmo ao simples estudioso do tema, descobrir este “centro” e procurar entender a religião a partir dele. Note-se que o mais comum é o investigador procurar articular os valores religiosos a partir de uma teoria em voga.

Ao tentar compreender as situações existenciais que envolvem o seu tema em estudo, o historiador das religiões estará refletindo sobre o significado da sua própria existência no mundo, o que para Mircea Eliade já é uma “experiência religiosa”. O estudo da temática religiosa vai provocar, assim, uma mudança no próprio pesquisador. Há, portanto, um reconhecimento de que o investigador faz parte do próprio tema da pesquisa. Para que esta postura seja possível é necessário que o investigador seja um homem “religioso”. O tema da pesquisa e o pesquisador fazem parte de um todo indissociável, ao contrário de outras posições metodológicas que ainda insistem na separação entre o “sujeito” e o “objeto” da pesquisa.

A “ciência” contemporânea é, por definição laica, o que exigiria, particularmente no caso da história das religiões, um “distanciamento”, exigência da “objetividade científica”. Esses velhos dogmas das ciências naturais, embora já criticados na área das ciências humanas, nunca foram completamente superados, em particular quando o tema faz parte do universo do sagrado. Daí a ainda atualidade da advertência de Mircea Eliade:

nem a história das religiões, nem qualquer outra disciplina humanística, deveria – como fazem há muito tempo – orientar-se segundo os modelos que surgiram das ciências naturais, e menos ainda quando esses modelos já estão superados, em especial, os tomados da física (ELIADE, 2000, p. 178-179).

Eliade recorda ainda que: “É necessário fazer urgentes retificações em numerosos clichês que lastram a cultura contemporânea, por exemplo, a célebre interpretação da religião de Feuerbach e Marx. É sabido que ambos defendiam que a religião alienava o homem da terra e lhe impedia realizar-se humanamente, etc. Porém, mesmo em tal caso, essa crítica só pode aplicar-se a formas tardias de religiosidade, como as da Índia pós-védica ou do judeu-cristianismo, ou seja, a religiões nas quais o elemento do

outro mundo desempenha um papel importante. A alienação e o distanciamento do mundo são desconhecidos, inclusive inimagináveis, em todas as religiões de tipo cósmico, tanto primitivas quanto orientais, pois nestas últimas – a absoluta maioria das religiões conhecidas pela história – a vida religiosa consiste precisamente em exaltar a solidariedade do homem com a vida e a natureza (ELIADE, 2000, p. 183).³

Como é que um investigador ateu pode reconhecer-se como objeto de sua própria pesquisa e envolver-se com os temas que trabalha a ponto de mudar a sua própria vida?

A primeira exigência, penso, é superar certos preconceitos que limitam a idéia do que seja “ser religioso”. A idéia mais comum, que por um consenso “laico” na academia não é discutida, é a idéia de que ser “religioso” é pertencer a uma organização religiosa e participar das práticas a ela inerentes ou, simplesmente, “acreditar em Deus”. Esta é uma idéia simplista. Para Eliade, a palavra “religião” não implica necessariamente “a crença em Deus, deuses ou fantasmas, mas se refere à experiência do sagrado e, conseqüentemente, se encontra relacionada com as idéias de ser, sentido e verdade” (cf. ELIADE, 1989, p. 09). Assim, creio que é possível afirmar que todo aquele que acredita que existe uma verdade (verdade é aquilo que é) independente da nossa consciência e tem um compromisso com essa *verdade*, independente das conveniências pessoais, é um homem religioso.

Esta postura exige, é claro, a humildade de reconhecer que existem dimensões do real muito além das que conhecemos, imaginamos ou que possamos explicar com os recursos da ciência moderna. Este compromisso com a *verdade* implica também em preocupar-se com certas questões existenciais que são típicas do universo religioso, tais

³ Apenas para registro, gostaríamos de notar que, também no caso do judeu-cristianismo, pensamos que, dependendo da época, podemos dizer o mesmo que Mircea Eliade afirma em relação às “religiões de tipo cósmico”.

como o *sentido da existência humana*.⁴ Desta forma, estamos preparados para dialogar com o nosso tema. Verificar como, no decorrer do tempo e em determinados espaços o homem respondeu a esta questão e às demais, dela decorrentes. Assim, o investigador está preparado para não separar, de maneira artificial, o tema da investigação, das questões que envolvem a sua vida. Está preparado para articular o tema da sua pesquisa ao “eixo” da religião que estuda.

Outra referência no estudo das religiões, destacada por Eliade, é o *estudo comparativo* entre elas. É o que nos permite, a nós ocidentais, compreender situações “exóticas” e é assim que o “provincianismo cultural é transcendido” (ELIADE, 1989, p. 15). Esta, embora seja uma preocupação antiga, em particular na antropologia, não será realizada apenas através de boas intenções. Há que se ter um método que viabilize estas intenções. Desta forma, podemos dizer, com Mircea Eliade, que “é difícil acreditar que experiências tão ‘alheias’ como as de um caçador paleolítico ou um monge budista não tenham qualquer efeito na vida cultural moderna. Obviamente tais ‘encontros’ tornar-se-ão culturalmente criativos apenas quando o estudioso ultrapassou o estágio da erudição pura – por outras palavras, quando, depois de ter recolhido, descrito e classificado os seus documentos, ele fez também um esforço para os compreender *no seu próprio plano de referência*” (Idem, p. 18).

Ao destacar que não podemos apenas decifrar os códigos, o significado simbólico da religião (fenomenologia), mas que é necessário verificar como ela (e suas manifestações simbólicas) se manifesta e se transforma através dos tempos, Eliade constrói como método o que poderíamos chamar de uma *fenomenologia histórica*.⁵ Para compreendermos o fenômeno religioso é necessário que ele seja abordado de vários pontos de vista. Daí a importância de aproveitarmos a contribuição da literatura ou dos críticos literários. Ao apontar para este aspecto do método, Eliade retoma uma questão que atualmente não tem merecido o necessário destaque, a questão de ver o fenômeno estudado dentro da *totalidade* em que ele é gerado. Além disto, no caso, “de um certo ponto de vista, o universo estético pode ser comparado ao universo da religião. Em ambos os casos deparam-se simultaneamente *experiências individuais* (experiência estética do poeta e do seu leitor, por um lado, experiência religiosa, por outro) e *realidades transpessoais* (uma obra de arte num museu, um poema, uma sinfonia; uma Figura Divina, um rito, um mito, etc.)” (Idem, p. 20).

A simplicidade dos textos de Mircea Eliade disfarça uma enorme riqueza de conceitos e referências, fundamentais para os estudiosos das ciências humanas e exige uma releitura constante, para que, a cada momento, possamos saborear a indicação mais apropriada para as nossas necessidades e isto vale para todos, leitores, estudiosos ou pes-

4 Em síntese, para Eliade, a dimensão do “sagrado” é um “elemento da estrutura da consciência humana, e não um estágio na história da consciência” (ELIADE, 1989, p. 10).

5 “A fenomenologia e a história religiosas não são duas ciências, mas dois aspectos complementares da ciência integral da religião” (ELIADE, 1989, p. 23, nota n. 7). Não é nosso objetivo aprofundarmos a reflexão sobre qualquer aspecto específico do pensamento de Mircea Eliade, mas não deixa de ser necessário chamar a atenção para a questão do significado do símbolo na nossa vida cotidiana pois “el mundo ‘habla’ o ‘se revela a si mismo’ a través de símbolos”; ou seja, antes de qualquer reflexão nós apreendemos o mundo através do símbolo e em relação aos símbolos religiosos, estes “pueden revelar una modalidad de lo real o una estructura del mundo que no es evidente en el nével de la experiencia inmediata”. ELIADE & KITAGAWA, Joseph. 1996. p. 129 e 128.

quisadores das ciências humanas.

BIBLIOGRAFIA:

ELIADE, Mircea & KITAGAWA, Joseph (compiladores). *Metodología de la Historia de las Religiones*. Traducción del inglés de Saad Chedid y Eduardo Masullo. Barcelona: Paidós, 1996.

ELIADE, Mircea. *Origens, história e sentido na religião*. Tradução de Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *El vuelo mágico*. Edición e traducción de Victoria Cirlot y Amador Vega. Madrid: Ediciones Siruela, 2000.

_____. *El Yoga. Inmortalidad y Libertad*. Traducción de Diana Luz Sánchez. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

_____. *História das Crenças e das Idéias Religiosas*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978-1984.

SCHWARZ, Fernand [et. al.]. *Mircea Eliade, o reencontro com o sagrado*. Lisboa: Edições Nova Acrópole, 1993.